



PEDRO BANDEIRA

A flecha traiçoeira

-
- Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental)

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Francine Jallaegas

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*"Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar."*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

✿ UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

✿ RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

✿ COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

✿ PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero

PEDRO BANDEIRA

A flecha traiçoeira



● Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental)

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Pedro Bandeira

Nascido em Santos, São Paulo, em 1942, Pedro Bandeira mudou-se para a cidade de São Paulo em 1961. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. A partir de 1983 tornou-se exclusivamente escritor. Sua obra, direcionada a crianças, jovens e jovens adultos, reúne contos, poemas e narrativas de diversos gêneros. Entre elas, estão: *Malasaventuras — safadezas do Malasartes*, *O fantástico mistério de Feiurinha*, *O mistério da fábrica de livros*, *Pântano de sangue*, *A droga do amor*, *Agora estou sozinha...*, *A Droga da Obediência*, *Droga de americana!* e *A marca de uma lágrima*. Recebeu vários prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A partir de 2009, toda a sua produção literária integra com exclusividade a Biblioteca Pedro Bandeira da Editora Moderna.

RESENHA

A tribo de Iraré, um jovem índio, há muito tempo é inimiga da tribo de Aramirim, outro indiozinho. As duas crianças cresceram ouvindo dos mais velhos as histórias das batalhas travadas entre os dois povos, enfrentadas com valentia por seus bravos guerreiros. Certo dia, enquanto ainda não cessara a guerra entre as duas nações, os dois indiozinhos encontram-se à beira de um riacho. O pequeno Iraré, indefeso e desarmado, teme ser acertado pela flecha que Aramirim, posicionado do outro lado do riacho, aponta em sua direção. Os dois meninos, por um momento, se encaram, desafiadores. Aramirim, finalmente, puxa a corda do arco e dispara. A flecha, certa, atinge seu verdadeiro alvo: uma cobra cascavel que, logo atrás de Iraré, preparava-se para o bote. O episódio logo se torna conhecido dos chefes das tribos inimigas. E, a partir de então, a paz é selada e a união entre os dois povos e entre os dois indiozinhos é celebrada.

A flecha traiçoeira convida os leitores de todas as idades a meditar sobre a lição de paz que nos ensina Aramirim, o indiozinho que, ao salvar a vida de outro pequeno e indefeso índio, filho de uma nação inimiga, restabeleceu a amizade entre duas tribos que há muito tempo guerreavam.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Conto infantil.

Palavras-chave: Cultura indígena, paz, guerra.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Artes, História.

Temas transversais: Pluralidade Cultural, Ética.

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Revele aos alunos o título do livro que vão ler e convide-os a observar as ilustrações de Rogério Borges. Estimule a turma a folhear as páginas procurando descobrir e imaginar, por meio da apreciação das imagens, o enredo da história.

2. Na ilustração da capa do livro, vemos dois indiozinhos. Nas ilustrações do interior do livro, vemos outros índios, paisagens de uma natureza exuberante e vários elementos que associamos aos índios do Brasil, tais como: a rede, o vaso de barro, o arco e a flecha, a lança, o cocar, o chocalho, a pintura corporal, o colar

de sementes, a oca etc. Os alunos já conheciam todos esses elementos? Eles já viram pessoalmente cada um deles? Viram em filmes? O que os alunos conhecem a respeito dos índios brasileiros? Incentive a turma a falar, perguntando: "Onde vivem os índios do Brasil?", "Eles falam português ou outras línguas? Quais?", "Como eles se alimentam?", "Como eles se vestem?".

3. Leia com a turma a apresentação do autor e da obra que se encontra na página 24. Pedro Bandeira diz nesse texto que os índios do Brasil têm sua própria maneira de brincar. Que tal pesquisar na internet ou na biblioteca da escola algumas brincadeiras infantis de origem indígena e, a seguir, propô-las às crianças?

Durante a leitura:

1. Incentive a turma a observar as cores predominantes em cada uma das ilustrações. Há páginas em que o amarelo predomina, há outras em que o vermelho se sobrepõe e há aquelas cheias de verde e azul. Chame a atenção dos alunos para os diferentes empregos da cor nas ilustrações de Rogério Borges: as páginas avermelhadas, amareladas ou esverdeadas aludem à luz do sol sobre as diferentes paisagens, mas também às principais características dos eventos narrados — ora marcados pela atmosfera de tensão, violência e inimizade, ora pela atmosfera de festa, reconciliação e paz.

2. Durante a leitura, verifique a compreensão dos alunos: todos sabem o que é uma nação (página 4)? Estão familiarizados com as tarefas que um cacique desempenha numa tribo (página 11)? Todos conhecem as características de uma cascavel (página 17)? Converse com a turma sobre esses termos e incite os alunos a recordar outras palavras que, tal como cacique, designam objetos, características ou elementos próprios da cultura indígena, como: pajé, oca, cocar, tribo.

3. À noite, Aramirim e Iraré escutam histórias dos mais velhos sobre os feitos vitoriosos dos guerreiros de suas tribos (páginas 7 e 9). Pergunte aos alunos se eles também escutam histórias de seus pais, avós, tios, vizinhos etc. Caso os alunos respondam afirmativamente, convide-os a contar as histórias que conheceram pelos relatos dos mais velhos.

Depois da leitura:

1. Inicie uma conversa com os alunos estimulando-os a relatar a experiência que tiveram ao longo da leitura. A história os surpreendeu? Eles gostaram do desfecho? Lembraram-se de alguma outra história ou personagem enquanto liam *A flecha traiçoeira*?

2. Aramim, Iraré e seu povo têm costumes diferentes dos nossos. Proponha que a turma releia o livro destacando alguns deles,

como: bebem água pura e fresca diretamente do riacho (página 11); ainda bastante jovens, já sabem manejar com destreza arco e flecha (página 14); sabem reconhecer, camuflada na mata, uma cobra venenosa pronta para o bote (página 16); contam o tempo através das fases da lua (página 22).

3. Sugira à turma que se inspire nos vasos de cerâmica que ilustram a página 9 e, livremente, molde objetos, utensílios ou formas diversas com argila. Esta atividade poderá ser realizada em parceria com o professor de Arte, caso a escola conte com um especialista nesse componente curricular.

4. Proponha aos alunos a realização de uma pesquisa na internet e/ou na biblioteca da escola sobre os diferentes povos indígenas que habitaram e ainda habitam o Brasil. Além de procurar identificar a língua falada e a região de origem de cada um dos povos que descobrirem, a turma poderá procurar conhecer também seus hábitos alimentares, seu artesanato e seus mitos e lendas. Não deixe de consultar o portal do ISA — Instituto Socioambiental: <https://pib.socioambiental.org/pt>. Feita a pesquisa, os alunos poderão reunir as informações que obtiveram em cartazes e apresentar aos demais o que descobriram e aprenderam.

5. Pedro Bandeira inspirou-se no tupi-guarani — a mais conhecida dentre as línguas indígenas faladas no Brasil — ao nomear os indiozinhos que protagonizam a história narrada em *A flecha traiçoeira*. Sugira à turma lembrar, listar e pesquisar (na internet e/ou na biblioteca da escola) palavras presentes na língua portuguesa cuja origem é o tupi-guarani, como mandioca, jacarandá, maracujá, urubu, jacaré, peteca, pitanga, tapioca, arapuça. Certamente, os alunos vão gostar de consultar *Paca, Tatu e Cutia! Glossário Ilustrado de Tupi*, de Mouzar Benedito e Ohi, publicado pela Editora Melhoramentos.

6. Que tal fazer uma roda de leitura de histórias, mitos e lendas indígenas que os alunos recolham previamente da internet e/ou da biblioteca da escola?

7. O momento em que Iraré descobre que foi salvo por Aramirim é uma das passagens mais emocionantes do livro. E, após esse evento, o narrador nos revela outro fato comovente: os chefes das nações inimigas tomaram conhecimento do ocorrido à beira do riacho e se abraçaram e celebraram a paz. Sugira aos alunos que imaginem essa cena. Como teria sido a conversa entre eles? O que um cacique teria dito ao outro? Proponha, então, que os alunos, reunidos em grupos, elaborem uma pequena cena teatral a ser apresentada, posteriormente, uns aos outros, que tenha como tema esse episódio. Quando se apresentarem aos demais, poderão se valer de recursos cênicos, como tecidos, bonecos, máscaras, luzes, objetos.

DICAS DE LEITURA

1. DO MESMO AUTOR

- *A onça e o saci*. São Paulo: Moderna.
- *Cidinha e a pulga da Cidinha*. São Paulo: Moderna.
- *O valente de calça molhada*. São Paulo: Moderna.
- *A mentira cabeluda*. São Paulo: Moderna.

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *Kuery*, de Júlio Emílio Braz. São Paulo: Moderna.
- *Como surgiu o João-de-Barro*, de Douglas Tufano. São Paulo: Moderna.
- *Histórias da Terra e do Céu*: lendas indígenas do Brasil, recontadas por Douglas Tufano. São Paulo: Moderna.
- *Índio vivo*, de Julieta de Godoy Ladeira. São Paulo: Moderna.
- *Puratig — o remo sagrado*, de Yaguarê Yamã. São Paulo: Peirópolis.
- *O que é, o que é? — o pajé e as crianças numa aldeia guarani*, de Luís Donisete Benzi. São Paulo: Moderna.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o link com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família. Reforce essa ideia com a família de seus alunos!